



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RENATO ARENA

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-547

Entrevistado: Renato Arena

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Novo Hamburgo

Entrevistadoras: Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 22/04/2015

Transcrição: Thayná Lima Fagundes

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 32 minutos e 4 segundos

Páginas Digitadas: 12 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação no esporte; Iniciação no handebol; Seleção brasileira; Handebol no Rio Grande do Sul; Dia do Handebol; Handebol nas escolas; Prática de mulheres e homens no handebol; Federação Gaúcha de Handebol; Patrocínio; Handebol nas Olimpíadas; Confederação Brasileira de Handebol; Jogos escolares; Visibilidade para o handebol.

Novo Hamburgo, 22 de abril de 2015. Entrevista com Renato Arena a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Renato, gostaria de te agradecer em dispor de tempo para essa entrevista e gostaria que tu me contasses um pouco da tua formação e como o senhor iniciou no esporte.

R.A. – Bem, eu sou licenciado em Educação Física pela UFRGS¹, depois eu fiz uma pós na Feevale², pós em Educação Física Escolar e Pré-Escolar, também fiz mestrado em Ciências da Atividade Física em Córdoba, na Espanha. Fui professor do curso de Educação Física da Feevale por vinte e cinco anos, sou professor do Colégio Santa Catarina³ e atualmente sou coordenador esportivo do colégio, tenho uma vivência de, aproximadamente, trinta anos no handebol. Antes do handebol eu trabalhei como preparador físico de futebol, trabalhei no Esporte Clube Novo Hamburgo, o time aqui da cidade, e trabalhei no Esporte Clube Criciúma, tive oportunidade de ter uma vivência em dois esportes coletivos, o futebol que é um esporte altamente profissional e o handebol que é um esporte amador que acabei me apaixonando, digamos assim, saí de um esporte que é profissional e acabei indo para o handebol que é um esporte ainda que era desconhecido à trinta anos atrás, mas como era coletivo, que era um esporte de contato eu acabei fazendo uma relação e a partir daí eu fiz todo um trabalho.

J.K. – O senhor já atuou em clubes na área do handebol?

R.A. – Na realidade, o meu trabalho inicial no handebol começou na Sociedade de Ginástica de Novo Hamburgo que é um clube, um clube social, que tem uma tradição muito grande dentro da nossa comunidade. Lá realmente eu tive oportunidade de desenvolver um trabalho que foi reconhecido a nível estadual e a nível nacional, o que me levou a ser treinador da seleção brasileira em 1997, esse clube me deu toda uma

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² Universidade Feevale.

³ Colégio localizado em Novo Hamburgo

estrutura para desenvolver um trabalho, depois que terminou o projeto dentro da Sociedade de Ginástica eu acabei trazendo meu trabalho aqui para o colégio Santa Catarina. Eu já era professor de Educação Física, no momento que eu encerrava lá um ciclo na Sociedade de Ginástica eu iniciava outro ciclo aqui, outro projeto que acabou também dando resultado que a gente atingiu conquistas estaduais e nacionais.

J.K. – E nas competições que o senhor participou como era a presença do público, como que é a presença do público?

R.A. – O handebol em todos os locais eu tive a felicidade de participar de eventos estaduais, regionais, nacionais e até internacionais. Eu percebo que ainda tem um público muito localizado, os pais, os irmãos, a família, o tio, a avó e não tem um público específico de handebol. Para as categorias de base, onde normalmente trabalhamos com mirim, infantil, cadetes, juvenil, que são aquelas categorias que tu prepara para de repente seguirem numa categoria adulta, a gente percebe a presença de poucas pessoas, ele não consegue atrair público, depois, claro, quando tem uma olimpíada, tem um campeonato, tem um evento bem maior daí consegue trazer público para o ginásio, mas o que eu sempre percebi, e que eram pessoas vinculadas aos atletas. As minhas atletas levavam os seus familiares, jogavam contra outra equipe que levava também seus familiares, era um público restrito às pessoas que estavam envolvidas na competição.

J.K. – Em relação à história do handebol no Rio Grande do Sul, a gente percebe que o handebol ele veio para o Brasil com a emigração alemã. O senhor saberia me dizer se aqui no Rio Grande do Sul também teve algum indício da prática dentro das colônias alemãs?

R.A. – Não me parece que é essa origem do handebol aqui no Rio Grande do Sul porque os polos iniciais do handebol no Rio Grande do Sul estão muito bem localizados. O handebol começa a se manifestar na região de Santa Maria que não é uma região de emigração alemã, é uma região acho que de açorianos. Nessa questão eu

não vou entrar, mas sei que não é de alemão, também tem um registro histórico de início em Porto Alegre, nenhuma região de origem alemã que caracterize a iniciação do handebol por isso acredito que não tem um vínculo com isso. O que eu percebo, por exemplo, é que a cidade de Santa Cruz, que é uma cidade de emigração alemã, o handebol lá praticamente não existe, se fosse por essa influência seria um polo. Novo Hamburgo, que tem origem alemã, o handebol chega aqui bem depois que chega em Santa Maria e chega em Porto Alegre e, pelo meu conhecimento, pelas minhas pesquisas e pelos meus estudos as pessoas que iniciaram o handebol aqui no Rio Grande do Sul foram fazer cursos em outros locais, em São Paulo e trouxeram essa ideia para o Rio Grande do Sul. A origem no Rio Grande do Sul não está vinculada a colonização, ela está realmente vinculada a profissionais, professores de Educação Física que conheceram esse esporte em cursos de formação e trouxeram a ideia para os seus alunos.

J.K. – E o senhor saberia me dizer quem foram esses professores que trouxeram?

R.A. – Eu localizo o professor Pedro Lang⁴, em Santa Maria que, realmente, para mim, é um dos pioneiros lá na Universidade de Santa Maria que começa um movimento com o handebol entrando na escola de Educação Física, os alunos jogando handebol com bola de basquete. O professor Camargo⁵, em Porto Alegre, começa a passar essa ideia de handebol para seus alunos que eram acadêmicos do curso de Educação Física. O professor Benno Becker Júnior, que é um dos pais da ideia do Dia do Handebol porque ele traz o handebol de Porto Alegre para Scharlau⁶, e de lá para a Feevale, que na época, não era universidade, e começa a criar a ideia do Dia do Handebol e com isso os professores que trabalhavam nas redes municipais, estaduais, particulares começam a... “Pô, handebol, Dia do Handebol, então, vou começar a fazer equipe no colégio para participar desse dia do handebol.” É um dos primeiros grandes eventos do handebol no Rio Grande do Sul é o Dia do Handebol, ele foi pensado pelo professor Benno Becker. Quando se fala em história do handebol no Rio Grande do Sul, não se pode esquecer esses dois focos, esses dois núcleos iniciais, Santa Maria e Porto Alegre. Porto Alegre

⁴ Pedro Benno Lang.

⁵ Francisco Camargo Neto.

com o professor Camargo e professor Benno Becker e Santa Maria com o professor Pedro Lang, depois vem o professor Celso⁷, professor Iradil⁸ e outras pessoas que provavelmente, com certeza, tu deve resgatar na tua pesquisa.

P.J. – E o senhor sabe localizar mais ou menos a data em que esses eventos aconteceram aqui em Porto Alegre e lá em Santa Maria?

R.A. – Eu já fiz essa pesquisa, agora eu até não tenho aqui, tenho que tirar um tempo maior para pesquisar, isso está guardado. Não tenho assim fácil, tenho que buscar, mas me parece que pelos anos 1960, anos 1970. Em 1978 nós já temos o handebol forte em Novo Hamburgo, estou falando isso há trinta anos, 1988, 1998, 2000. Na década de 70 já tem registros de atividades de handebol em Novo Hamburgo, nos anos 60 o handebol deve ter mais ou menos começado em Santa Maria e Porto Alegre, mas eu não tenho agora de memória para te dizer isso.

J.K. – E na tua opinião, o handebol aqui no Rio Grande do Sul, ele iniciou mais em escolas, universidades, clubes?

R.A. – Exatamente isso que eu te falei, tem uma ideia de um professor universitário, que é o professor Benno, e ele traz essa ideia para universidade e procura fomentar isso nas escolas. O handebol começa, realmente, o desenvolvimento grande dentro das escolas, nós temos registros que há anos atrás tinham equipes de handebol, justamente para participar desse Dia do Handebol, e depois o professor desativou. O início mesmo é de dois, três professores que trazem essa ideia e vendem essa ideia para a escola e as escolas se organizam.

J.K. – Nesse Dia do Handebol o senhor saberia me dizer quais foram as escolas que participaram?

⁶ Bairro de São Leopoldo.

⁷ Luiz Celso Giacominni.

R.A. – No momento talvez eu tenha algum registro para te passar, depois eu posso te mostrar aqui, mas não lembro de cabeça quais foram as escolas. Tem uma escola na Scharlau que o professor Benno Becker era professor, e ele começa a trabalhar o Dia do Handebol lá dentro. É uma escola que é muito importante, até recorde que quando eu comecei a trabalhar com o handebol, eu recebi algum material, algum convite, algum folder na época nessa escola, na Scharlau, tinha o Dia do Handebol, e que a gente estava sendo convidado para participar. O fomentador disso, como ele era um professor que trabalhava ali, ele era professor do estado, a partir daquela escola ele começou a fomentar o handebol aqui para região do Vale dos Sinos e para a grande Porto Alegre.

J.K. – Quando o handebol teve início, ele era praticado tanto por homens quanto por mulheres?

R.A. – Com certeza, desde o início, pelos meus registros, ele já tinha a predominância masculina, mas as meninas já estavam começando a praticar handebol também, inclusive no Dia do Handebol, era estimulada a participação dos dois naipes: masculino e feminino.

J.K. – Em relação à fundação da Federação Gaúcha de Handebol, o senhor saberia me dizer se houve algum clube que colaborou na fundação?

R.A. – Não sei te dizer, até conversando antes da nossa entrevista, eu te sugiro que tu procure o professor, não é professor, mas o Kalil Sebhe⁹ ele que tem todas as questões da fundação da Federação Gaúcha de Handebol, mas, com certeza, nenhuma Federação pode se organizar sem ter pelo menos uns três ou quatro clubes. Quando eu encerrei com a minha ideia, era difícil também, imagino para vocês buscar, imagina vinte anos atrás, buscar pessoas que trabalhavam com handebol, era mais difícil, não tinha celular, não tinha e-mail, então era mais difícil. As vezes tu ligava para o cara e conseguia falar com ele daqui quinze dias. Quando eu encerrei essa ideia, eu disse: “Tá bom, eu não quero mais fazer o histórico, vou enterrar essa minha ideia.” O Kalil, encontrei

⁸ Iradil Antonello.

casualmente com ele e isso que nós comentamos, ele tem muito material de quando foi fundada a Federação: quem foi primeiro o presidente, quais foram os clubes, sem Federação realmente nós não temos uma unidade. A gente fazia handebol assim, cada um da sua maneira, quando chega a Federação, ela une os clubes, integra e padroniza, handebol agora vai ser dessa forma, vamos jogar, dessas categorias vão ser disputados tais eventos, então os clubes que ficam organizados, as escolas ficam organizadas e acabam se filiando a Federação.

J.K. – Na sua opinião, na atualidade, aqui no Rio Grande do Sul, quais as cidades nas quais o handebol tem maior projeção?

R.A. – Vou puxar o assado para o nosso lado, Novo Hamburgo que é uma das cidades que tem muitas conquistas a nível estadual e nacional, vamos localizar: Novo Hamburgo a nível feminino; Campo Bom a nível masculino; Sapiranga que foi destaque até nos anos, até 1998 depois eles encerraram mas era também uma cidade que fervia o handebol. Caxias do Sul, Santa Maria e agora no litoral, nós temos Capão da Canoa, Osório e Torres, então para a fronteira, atualmente, nós temos Santa Rosa, que está começando a fazer um trabalho. Iniciou em 2010, 2011 e também vem vindo com o handebol bem forte. Está começando a fazer um trabalho legal no masculino, então são situações localizadas não é todo estado que joga handebol, são pontos como eu te citei, provavelmente não devo ter esquecido nenhum. Canoas, que eu não falei mas que está na grande Porto Alegre. Porto Alegre, Canoas, Santa Maria essas cidades que eu te citei.

J.K. – Retomando um pouco em relação a história do handebol no Rio Grande do Sul, o senhor saberia me dizer quando foi o período de maior visibilidade?

R.A. – Bom, resgatando um pouquinho, na minha memória, foi um momento em Santa Maria quando a Sadia patrocinou uma equipe de handebol e realmente foi um momento de grande destaque para o handebol no Rio Grande do sul porque essa equipe ela

⁹ Kalil Sehbe Neto.

acabou sendo vencedora de eventos, se tornou a melhor equipe do Brasil. Conquistou Copa do Brasil, Taça do Brasil, viajou para a Europa representando o Rio Grande do Sul e o Brasil, então, a Sadia depois do handebol, foi patrocinar o vôlei; uma das primeiras equipes de handebol que teve patrocínio, onde os atletas tinham toda assistência, recebiam auxílio para estudar, para a formação, alimentação, hospedagem, a comissão técnica também recebia um apoio financeiro, foi exatamente uma equipe de Santa Maria que era treinada pelo professor Celso Giacomini. A partir daí, quando a Sadia percebeu, porque a ideia da empresa era: “Vamos apostar nesse núcleo aqui.” Porque antes do patrocínio a equipe já era forte, pensando que outras empresas iriam apoiar outras equipes, mas o que aconteceu, investiram pesado no handebol e essa equipe se tornou vencedora, ganhava tudo, então a empresa chegou à conclusão: “Bom, o nosso projeto terminou, atingimos o nosso objetivo, a equipe é vencedora, não tem, digamos, um adversário.” E encerraram o patrocínio, lamentavelmente, porque depois de encerrar com o handebol, a Sadia acabou indo para o vôlei e foi campeã várias vezes da Liga de Vôlei, então esse é um destaque que a gente deve colocar no masculino, no feminino a gente e tem dois destaques...

J.K. – Esse do masculino, sabe me dizer qual foi o ano mais ou menos?

R.A. – Também não sei te dizer, daí tem que localizar assim, anos 1980. A partir de 2007 surge também uma parceria muito forte aqui em Novo Hamburgo que é a parceria da Universidade Feevale com o colégio Santa Catarina. O Colégio já tinha uma equipe que era vencedora, tinha vencido alguns eventos nacionais, 2003 e 2004 foi bicampeão brasileiro e a Feevale faz uma parceria o que possibilita que essa equipe, que é a equipe de Novo Hamburgo. Particpei da Liga Nacional, isso também foi um grande “up” do handebol. Nós vivíamos, a nível estadual e a nível nacional, indo para eventos de categoria de base, a partir da parceria com a Universidade Feevale a gente dá um salto, a gente sai do nível estadual e de competições pequenas e vai disputar a Liga Nacional, isso realmente deu para Novo Hamburgo um desenvolvimento muito grande. A gente tinha uma equipe na Liga Nacional, nesse momento havia mais interesse de crianças para entrar e praticar handebol, acabou desenvolvendo o handebol em toda região. Tem

a UCS¹⁰ de Caxias, também com uma parceria que é da mesma forma que a Feevale, apoiou nossa equipe; a UCS fica apoiando a equipe de Caxias que também acaba indo para a Liga Nacional. Hoje nós temos duas equipes na Liga Nacional Feminina que são justamente o Santa Feevale e a UCS, de Caxias do Sul, justamente por esse histórico que a gente tinha e o apoio que a gente recebeu da universidade, na minha visão, são três momentos importantíssimos que tem que ser destacados, a questão da Sadia ter investido no handebol masculino nos anos 1980 e as universidades Feevale e UCS apostando no handebol nos anos 2000 dando possibilidade das equipes de Novo Hamburgo e Caxias de disputar a Liga Nacional.

J.K. – E o handebol como esporte olímpico, como o senhor vê a participação do Brasil, tanto as equipes femininas quanto as masculinas?

R.A. – O handebol brasileiro, ele tem crescido dentro de um projeto que foi realizado, pensado e muito bem colocado em prática quando a Confederação Brasileira de Handebol trouxe técnicos europeus para treinar as equipes da seleção. A partir de um certo momento que se apostou em um conhecimento mais experiente, porque os técnicos europeus, eles têm uma vivência muito maior que a nossa. O handebol europeu tem outro contexto, o que se presenciou a partir da chegada dos técnicos estrangeiros foi que o handebol evoluiu, e evoluiu a tal ponto que a gente. Em dezembro de 2013, conquistou o primeiro título Mundial Feminino, porque a equipe era dirigida por um técnico estrangeiro e antes do mundial, nós tínhamos já doze jogadoras na Europa, que faziam parte desse projeto que comentei no início. As jogadoras que se destacavam no Brasil eram levadas para a Europa, jogavam num contexto técnico superior, adquiriam uma experiência internacional muito maior, e as próprias seleções mesmo, as jogadoras vinham se apresentar aqui no Brasil, a comissão técnica ia para a Europa e já encontravam as jogadoras na Europa. O handebol evoluiu graças ao planejamento, até então era feito assim, as jogadoras eram chamadas dez dias antes da competição e iam jogar, a experiência internacional das jogadoras brasileiras era jogar contra a Argentina e Uruguai e lá, a Dinamarca jogava com a Noruega, com a Suécia, com a Espanha, estavam o tempo todo jogando os torneios europeus e as nossas, a experiência delas era

¹⁰ Universidade de Caxias do Sul

jogar a nível Sul-Americano. Quando elas iam para a Europa jogar campeonatos internacionais a diferença era muito grande. Aconteceu justamente assim: chega da gente pensar pequeno e eu digo chega porque eu também fui um pensador nesse sentido de instigar, de reforçar a ideia que o handebol estava estagnado e que era preciso fazer uma grande mudança. As pessoas que dirigiam o handebol no início dos anos 2000 tiveram a lucidez de pensar que não seria diminuir a capacidade dos nossos treinadores, mas seria somar, acrescentar para o nosso handebol trazer pessoas com maior conhecimento e foi exatamente isso que aconteceu, tanto na comissão técnica da seleção masculina, como na comissão técnica da seleção feminina, vieram treinadores europeus e a seleção começou a ter outro padrão de jogo. Houve um investimento maior de patrocinadores, hoje o handebol é patrocinado pelo Banco do Brasil, coisa que nós nunca imaginávamos lá nos anos 1990; o crescimento técnico a gente percebe na quadra, o handebol é campeão Mundial, e agora em 2015, em dezembro, vai defender esse título na Dinamarca. Nós nunca tínhamos isso, isso é histórico para o handebol, dezembro de 2013 o handebol feminino entrou para a história, foi o primeiro título internacional conquistado. Dentro disso que nós estávamos conversando, resgatando o início, foi feito o replanejamento e realmente a gente cresceu, e a nossa esperança e a esperança de todos os dirigentes, treinadores, técnicos, pessoas que são apaixonadas pelo handebol, e que o handebol consiga uma medalha olímpica, em 2016, que seria o máximo para nós, porque ser campeão Mundial é muito bom, mas ser campeão olímpico, ser medalhista olímpico no Brasil, ele entra e marca qualquer esporte para o resto da história, eu como professor e como técnico de handebol, acreditando muito que o handebol vai ser medalhista em 2016.

J.K. – E como o senhor vê a participação do Rio Grande do Sul em campeonatos e jogos escolares?

R.A. – O Rio Grande do Sul muito bem, inclusive nós. Eu sou campeão brasileiro, fomos campeões brasileiros dos Jogos Escolares Brasileiros em 2013, conquistamos esse título em Belém, e nós estamos sempre nas finais, 2014 estivemos nas finais. Os Jogos Escolares são divididos em categorias de doze a quatorze, no ano passado nós estivemos no doze a quatorze em Londrina, ficamos em sétimo, e quinze a dezessete

nós fomos para João Pessoa, na Paraíba, ficamos em nono. Nos Jogos Escolares a gente ainda está num nível técnico secundário, a gente teve aquela conquista em Belém que realmente nós tínhamos uma geração das melhores. Nós tivemos, também, questões de sorte, nenhuma jogadora nossa se machucou, passamos todo o campeonato com as mesmas jogadoras e depois o que a gente percebe que a nossa distância, mesmo que a gente e tenha sido campeão em 2013, a nossa distância para os grandes centros de handebol: São Paulo, Pernambuco, que investem muito. Rio de Janeiro, Espírito Santo, o Paraná, Santa Catarina, investem muito no esporte escolar e nós é o contrário: o nosso investimento é nas escolas particulares; eles investem nas escolas públicas, então, lá tem muito mais gente jogando. Na escola particular, a grande dificuldade é o seguinte: aqui nós temos vinte modalidades, o que tu pensar nós temos aqui, então, a criança de onze, doze anos quando ela começa a imaginar: “Bom, vou jogar handebol.” Já chega o cara da natação, chega o cara do vôlei, chega o cara do basquete, chega o cara da dança, dança aérea, jazz, ballet, piano, flauta, e elas ficam super divididas. Nós temos aqui mil e quinhentos alunos, para tu conseguir juntar quinze para jogar handebol tu tens que ajoelhar na frente das gurias porque é muito oferta. Agora imagina nós conversando aqui, não sei se vocês são de origem de escola pública; numa escola pública, um professor bem organizado, se ele chegar lá para as crianças: “Bah, tem treino de handebol!” [riso] Nossa, junta umas quarenta. [riso] A gente tem estrutura e não tem aluno; não tem aluno para jogar porque são muitas opções. As crianças chegam a passar, em um ano, elas chegam a passar por seis, sete modalidades. Elas entram o handebol, ficam dois meses, saem, vão para a dança, natação, basquete, vôlei. Hoje nós teríamos que ter uma política de investimento maior nas escolas públicas e eu não vejo isso. Vejo que as escolas que representam o Rio Grande do Sul no Jogos Escolares Brasileiros, a maioria delas são escolas particulares por quê? Porque pagam melhor o professor, porque tem estrutura melhor. Nós temos ginásio, temos bolas, temos toda uma condição, não temos alunos [risos], mas a gente consegue ainda organizar uma equipe de handebol. Para resumir a minha resposta, a participação é significativa, já conseguimos bons resultados, não foi só, falei da história do Santa, mas anteriormente outras escolas já conquistaram títulos também a nível escolar, realmente o Rio Grande do Sul está muito bem representado a nível escolar.

J.K. – E em relação ao papel da Federação Gaúcha de Handebol e da Confederação Brasileira de Handebol no cenário do handebol feminino, como o senhor vê o papel da federação?

R.A. – A Federação, ela é importante porque ela organiza os eventos, procura dar condições para que as competições ocorram, organiza sede, organiza a arbitragem, faz a tabela técnica, estabelece premiação, estabelece forma de disputa. Eu vejo que a Federação é importante, sem a Federação os clubes não poderiam se organizar e a Confederação, já comentei anteriormente, hoje, tem mais recursos. Ela não investe no clube em si, investe mais em seleções, os clubes, infelizmente, como qualquer esporte amador, os clubes precisam buscar um patrocínio porque a Federação e a Confederação não vão ajudar, elas vão organizar a estrutura do esporte no estado e no Brasil.

J.K. – Em relação a Federação Gaúcha de handebol, novamente, o senhor acredita que eles têm algum projeto de visibilidade para o handebol?

R.A. – Não, eu não vejo isso. Eles fazem aquela parte de organização, visibilidade eles poderiam pensarem algo, talvez um projeto com uma emissora para divulgar na RBS¹¹, na Bandeirantes, em qualquer outro canal. Mas a gente pouco vê esse movimento, as federações não fazem isso, o clube se quiser buscar um espaço ele vai ter que ir por conta, vai ter que ir lá falar com o pessoal da assessoria de esportes para conseguir colocar uma matéria. Nós temos muita dificuldade nisso, não recebemos esse apoio, não temos esse apoio da Federação. A Federação não tem nenhuma ideia de projeto que possa desenvolver a ideia da *prática* do handebol, da modalidade do handebol: “Ah, vai iniciar o Campeonato Estadual Gaúcho.” Não, a gente não vê isso, as coisas são feitas assim: “Olha vai ter um campeonato, manda um e-mail para os clubes, vai ser lá em Sapiranga, tal dia, tal lugar.” Então não existe um projeto de divulgação da imagem da modalidade.

¹¹ Rede Brasil Sul de Comunicação afiliada da Rede Globo.

J.K. – Então para finalizar, o senhor teria mais alguma coisa que gostaria de compartilhar?

R.A. – Posso compartilhar com vocês que eu sou apaixonado por handebol, estou no handebol há mais de.... Já estou com trinta e dois anos de handebol, desde o tempo que eu era acadêmico da UFRGS, já jogava JUGE^{F12}, que deve ter ainda. É uma paixão antiga. Eu procuro passar para os meus alunos, para as minhas alunas e minhas atletas sempre, que o handebol é um esporte gostoso, que vai levar elas a conhecerem outras pessoas, viver emoções boas, vão rir muito, vão chorar bastante também e que é uma experiência boa para a vida delas. Ninguém vai ser atleta para sempre, ninguém vai ser treinador para sempre, mas é um momento da minha vida que eu tenho grandes lembranças. Eu fiz grandes amigos, tenho pessoas que jogaram comigo que sempre me procuram e quando me encontram sempre agradecem por tudo o que eu fiz e isso é uma gratificação que a gente tem como professor e como técnico. E quero dizer que eu desejo que tu tenha sucesso no teu trabalho, que tu realmente consiga resgatar porque muita coisa está perdida. Se tu conseguires fechar esse quebra-cabeça vai ser interessante para todos nós. Todos nós temos interesse que o teu trabalho tenha sucesso. [risos] No momento que tu começa a fechar o, professor Celso, professor Camargo, tu vai fechando isso, tu vai botar pelo menos um início lá e depois do início é mais fácil, que a minha dificuldade era essa também. Foi essa de saber quem? Como? De repente alguém estava jogando handebol no Rio Grande do Sul, como é que aconteceu isso? Eu fico a tua disposição, tu tens meu e-mail, quando tu quiser mais alguma informação, estarei disponível.

J.K. – Nós que agradecemos, em nome do Centro de Memória do Esporte e também nos colocamos a disposição.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹² Jogos Universitários Gaúchos da Educação Física.